



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12783 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

Curiosidade de bebês pelas pesquisadoras e seus equipamentos: um estudo em três contextos brasileiros

Vanessa Ferraz Almeida Neves - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Tacyana Karla Gomes Ramos - UFS - Universidade Federal de Sergipe

Núbia Aparecida Schaper Santos - UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPEMGI/CNPq

CURIOSIDADE DE BEBÊS PELAS PESQUISADORAS E SEUS EQUIPAMENTOS: UM ESTUDO EM TRÊS CONTEXTOS BRASILEIROS

Resumo: Este estudo se insere em uma pesquisa em rede desenvolvida em três berçários localizados em Aracaju/SE, Juiz de Fora/MG e Belo Horizonte/MG. Com base nos pressupostos da Psicologia histórico-cultural, da Etnografia em Educação e das Pedagogias da Infância, acompanhamos a vida cotidiana dos três grupos investigados por meio da observação participante, de filmagens e anotações no Diário de Campo. Para esse trabalho, analisamos eventos em que os/as bebês demonstraram curiosidade pelas pesquisadoras e seus equipamentos de pesquisa. Tal curiosidade foi expressa por meio de olhares atentos, balbucios, choros, tentativas de tocar a filmadora e o tripé de apoio para a câmera, segurar as canetas e cadernos das pesquisadoras, produzir registros gráficos nas folhas do Diário de campo, mexer nos botões da filmadora, atirar objetos em direção ao equipamento de filmagem, apontar e aproximar o rosto em direção às lentes da câmera, passar a mão na janela de visualização das imagens, buscar o colo das pesquisadoras, entre outras ações. Por um lado, as pesquisadoras acolheram as demandas dos bebês, conversando e mostrando a eles/as seus equipamentos. Por outro lado, essas situações se mostraram eticamente delicadas na preservação dos equipamentos e na manutenção do papel social de pesquisadoras naqueles contextos.

Palavras-chave: Bebês; Psicologia histórico-cultural; Etnografia em Educação; Curiosidade.

Nosso programa de pesquisa tem como objetivo compreender o processo de desenvolvimento cultural de bebês em três creches brasileiras situadas em Aracaju/SE, Juiz

de Fora/MG e Belo Horizonte/MG. As bases epistemológicas do referencial teórico-metodológico que sustentam o trabalho são a Psicologia histórico-cultural, a Etnografia em Educação e as Pedagogias da Infância. Temos como objetivos, no presente trabalho, compreender como os/as bebês demonstram curiosidade pelas pesquisadoras e seus equipamentos, bem como analisar os modos como as pesquisadoras acolheram tal curiosidade. Para guiar nossas reflexões e argumentos, elegemos duas perguntas norteadoras da análise dos eventos selecionados de dois contextos de nosso estudo em Rede, assim definidas: (i) Como os/as bebês se relacionam afetivamente com os artefatos da pesquisa em suas interações com as pesquisadoras e os pares de idade? (ii) Como as pesquisadoras acolhem os interesses e curiosidade dos/as bebês?

Reconhecer que os/as bebês são seres curiosos/as, com intenso desejo de ver e conhecer aquilo que os/as cerca, implica um posicionamento ético que foi assumido de diferentes formas e em diferentes momentos pelas pesquisadoras. Tal posicionamento implica um respeito incondicional ao Outro, considerando os/as bebês como pessoas vulneráveis (tendo o cuidado como essencial ao seu desenvolvimento) e potentes (inúmeras possibilidades de participação nas relações estabelecidas com o Outro em diferentes contextos). Os desafios em atender à curiosidade dos/as bebês relacionam-se com o tênue limite entre acolher as suas demandas e, ao mesmo tempo, preservar os registros de pesquisa e o papel das pesquisadoras naqueles contextos. Nessa trilha de proposições, atender às demandas de interesses dos/as bebês pressupõe disponibilidade relacional de atenção, escuta e responsividade às sutilezas de seus modos de comunicação muito particulares e que as pesquisadoras empreendem ao buscar percebê-los e interpretá-los em suas trocas interativas com a criança. Estamos falando de um ato responsivo (BAKHITIN, 2011) por parte das pesquisadoras, em direção a acolher a perspectiva do que possivelmente o/a bebê comunica, visando conhecer os enunciados dos/as participantes, em sintonia com os objetivos da pesquisa em andamento. Em nossas reflexões, a curiosidade pode ser compreendida como afeto que impulsiona as formas de participação dos/as bebês nos contextos em que estão inseridos. Buscamos uma aproximação com as ideias de Espinosa em que as afecções alegres podem aumentar a potência de agir, “afetando outros corpos e sendo afetado por eles de inúmeras maneiras” (CHAUÍ, 1995, p. 61). Nesse sentido, a curiosidade expressa a indissociabilidade entre afeto e cognição social situada em contextos culturais particulares por meio de diferentes linguagens.

A produção do material empírico nos três berçários investigados segue os princípios da Etnografia em Educação em diálogo com a Psicologia histórico-cultural. Tais princípios têm sido amplamente discutidos (por exemplo, SPRADLEY, 1980; CORSARO, 1985; GREEN e BLOOME, 1997; GREEN e DIXON; ZAHARLICK, 2005; ZANELLA et al., 2007; HEATH, STREET e MILLS, 2008) e podem ser assim resumidos: (i) a articulação entre a elaboração das questões de pesquisa com o método durante o percurso de produção dos dados; (ii) a longa permanência das pesquisadoras em campo, de forma contínua e comprometida; (iii) as relações entre as partes e o todo; (iv) as relações entre o local e o global: interfaces entre os acontecimentos observados e o contexto social e histórico no qual os grupos de participantes se inserem; (v) a busca pela perspectiva das pessoas pesquisadas; (vi) a análise microgenética; (vii) a lógica abdutiva e contrastiva de investigação que permite recursividade, evidenciando as transformações das práticas sociais e culturais no decorrer da pesquisa. Cumpre destacar que a ética no processo de investigação se baseia em um respeito incondicional à alteridade e à inteireza dos/as bebês e das suas professoras. Explicitamos também que houve a aprovação pelos Comitês de Ética em pesquisa nas três universidades participantes do estudo e que utilizamos pseudônimos para nomear os/as participantes da pesquisa.

Cada contexto investigado apresenta uma temporalidade distinta na produção do material empírico. Em Aracaju, a investigação encontra-se em seu segundo ano. Foram, até o momento, 109 dias observados e, aproximadamente, 506 horas de filmagens. Em Juiz de Fora, a inserção das pesquisadoras na creche investigada teve início em fevereiro de 2023.

Em Belo Horizonte, o acompanhamento sistemático da turma aconteceu entre 2017 e 2019. Foram 231 dias observados e há um total de 897 horas de filmagens.

Para esse trabalho, com base em nossas anotações de campo, mapeamos os eventos em Aracaju, ocorridos ao longo de 2022 e início de 2023 e, em Belo Horizonte, ocorridos no primeiro semestre de 2017. Após esse mapeamento inicial, recorreremos às filmagens já realizadas com o objetivo de compreender como os/as bebês demonstraram curiosidade pelas pesquisadoras e seus equipamentos, bem como analisar os modos como as pesquisadoras acolheram tal curiosidade. A seguir, selecionamos um caso expressivo (MITCHELL, 1984) nesses dois municípios para análise microgenética (GÓES, 2000). As análises dão visibilidade ao movimento contraditório das pesquisadoras - ora acolhendo, ora negando a demanda dos/as bebês.

Desde os primeiros momentos nas instituições pesquisadas, professoras e famílias perceberam a presença das pesquisadoras e seus equipamentos. Algumas famílias mineiras comentaram, por exemplo, que “*no dia de filmagem, a gente traz a Valéria arrumadinha!*” Os/as bebês também perceberam nossa presença, procurando se aproximar e explorar nossos equipamentos.

No caso de Belo Horizonte, em que as filmagens começaram já no primeiro dia de inserção dos/as bebês na Escola Municipal de Educação Infantil, temos registros da bebê Larissa olhando fixamente para a câmera e engatinhando em direção às pesquisadoras. Assim, a equipe de pesquisa participou desse processo de inserção, provocando a curiosidade dos/as bebês.

Nos meses seguintes, os/as bebês fizeram várias tentativas para manipular os equipamentos das pesquisadoras mineiras. Por vezes, as pesquisadoras conversaram e acalentaram os/as bebês e, em outras, falaram suavemente que “*não pode mexer*”, como em 17/04/2017. Nesse dia, uma das pesquisadoras da equipe apoia a filmadora no tripé pela primeira vez e Valéria, uma das bebês do grupo, se aproxima e tenta manipular o tripé. A pesquisadora diz “*não pode mexer*”, ao que a bebê responde corporalmente, usando o dedo indicador sinalizando, com um gesto negativo, que compreendeu o que a pesquisadora disse.

Salientamos que, no contexto daquele berçário, todos/as bebês tinham livre acesso aos artefatos culturais disponibilizados no tatame da sala, como livros e brinquedos. Assim, a negativa para explorar um artefato específico (mesmo que estivesse ao alcance das suas mãos) marca uma diferença importante em relação às possibilidades de atender à curiosidade expressa pelos/as bebês e explicita a posição social das pesquisadoras naquele contexto. Por outro lado, em outros momentos, foi possível acolher a curiosidade dos/as bebês, permitindo que eles/as se vissem nas filmagens (Figura 1).



Figura 1 - Pesquisadora coloca Carlos em seu colo (17/07/2017).

Essa forma de acolher a curiosidade dos/as bebês pode ser melhor analisada por meio do evento “*Augusto e a filmadora*” ocorrido no contexto de Aracaju em 19/01/2023, no início do segundo ano da pesquisa local. Assim, no referido evento, os/as bebês já estavam mais velhos que nos eventos do grupo mineiro e já conseguiam se posicionar diante da câmera, mexer nos botões da filmadora, apontar e aproximar o rosto em direção às lentes de filmagem, passar a mão pela janela de visualização das imagens e, algumas vezes, desprogramar o equipamento por meio de mexidas nos botões do visor, conforme apresentamos na sequência de imagens a seguir (Figura 2).



Figura 2 - Augusto demonstra curiosidade pela filmadora (19/01/2023)

Este evento dá visibilidade aos modos como Augusto é mobilizado, afetiva e cognitivamente, pela filmadora - impulsionando suas formas de agir. Sua curiosidade é visível pela expressão de surpresa e vocalizações de admiração (Figura 2a, 2b e 2c): olhar fixo na filmadora com as sobrancelhas levantadas, boca aberta, mão esquerda semiaberta com dois dedinhos cruzados e braço parcialmente levantado em direção à câmera, olhos arregalados, emissão de “*hum*” e “*ham*” em uma entonação parecida com o jeito interrogativo de falar, inclinação do corpo e aproximação do rosto em direção à lente, fazendo um biquinho em direção à própria imagem que aparece na janela de visualização. Mobilizado por sua curiosidade, Augusto toca o equipamento. A delicadeza do gesto de apontar e tocar na lateral da janela de visualização com o dedo indicador da mão esquerda (Figura 2c) encanta a pesquisadora que acolhe a curiosidade do bebê, observando e registrando o momento. Entretanto, rapidamente, Augusto estende o dedinho indicador e

toca o visor da filmadora, exatamente no local onde está situado um dos botões que (des)programa a produção da filmagem, momento em que a pesquisadora se surpreende com esta ação e responde com um gesto ligeiro de impedir o movimento do bebê (Figura 2d), seguido por um gesto negativo com o dedo indicador, dizendo para ele em um tom afetivo: “*Não pode mexer, Gutinho, desprograma a filmagem, viu?*” (Pausa). “*É para se ver, tá certo?*” Augusto se mostra responsivo, balbucia olhando para a pesquisadora e apontando para o visor da câmera (Figura 2e). No contínuo interativo, a pesquisadora responde para ele com perguntas: “*Quem é esse neném que está na frente da filmadora?*” (Pausa). “*Quem é? Você sabe o nome dele?*” Em seguida, pergunta novamente para o bebê: “*Cadê Gutinho? Cadê ele? Você viu Gutinho por aí?*” Ele sorri, se aproxima da pesquisadora, balbucia algo e senta-se no colo dela, olhando para o equipamento de filmagem.

Os modos de relação afetiva de Augusto com a filmadora nos revelam os percursos exploratórios deste artefato cultural que mobilizaram ações/negociações entre o bebê e a pesquisadora. Ressaltamos que, desde os primeiros dias de vidoegrações no contexto aracajuano, o interesse e a curiosidade dos bebês pelos equipamentos de filmagem constituíram-se mediadores de produção de sentidos entre os usos exploratórios dos artefatos de pesquisa pela criança e o papel social da pesquisadora. Em suas relações afetivas com a materialidade e a função social da filmadora, os bebês encontraram oportunidades de participação e construção de tramas interativas de negociações de sentidos com a pesquisadora sobre os acontecimentos da trajetória de pesquisa.

Os eventos em Belo Horizonte e Aracaju evidenciam, portanto, como os/s bebês mostram-se curiosos/as pelos equipamentos de pesquisa em suas relações sociais com as pesquisadoras, assim como demonstram os limites e as possibilidades de negociações entre os interesses dos bebês e a manutenção do papel social de pesquisadoras naqueles contextos.

Buscamos dar visibilidade às relações sociais entre bebês e pesquisadoras e aos modos como as crianças expressam sentidos para o que lhes mobiliza em relação aos interesses e curiosidade pelos equipamentos de pesquisa. O movimento contraditório nessas relações - permitir e negar a aproximação dos/as bebês - evidencia as tensões na construção de um programa de pesquisa com os/as bebês e suas famílias e professoras.

Tais tensões levam as equipes de pesquisadoras a refletirem sobre seu posicionamento ético frente aos grupos investigados. Argumentamos que nossa postura ética testemunha cuidado e respeito pela curiosidade afetiva e cognitiva dos bebês, bem como pela integridade dos equipamentos de pesquisa e condições de filmagens na trajetória da investigação.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Hucitec Editora, 2011.
- CHAUÍ, Marilene. *Espinosa – uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Editora Moderna, 1995.
- CORSARO, William. A. *Friendship and peer culture in the early years*. Norwood, N.J.: Ablex. 1985.
- GOÊS, Maria. C. R. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cadernos Cedes*, ano XX, n.º 50, abril 2000.
- MITCHELL, J. Clyde. Case studies. In *Ethnographic Research: A Guide to General Conduct*.

Edited by R. F. Ellen, 135–176. Orlando: Academic Press. 1984.

GREEN, Judith; BLOOME, David. A situated perspective on ethnography and ethnographers of and in education. *Handbook of research on teaching literacy through the communicative and visual arts*, p. 181-202, 1997.

GREEN, Judith; DIXON, Carol N.; ZAHARLICK, Amy. A etnografia como uma lógica de investigação. *Educ. Rev.*, Belo Horizonte , n. 42, p. 13-79, dez. 2005 .

HEATH, Shirley; STREET, Brian; MILLS, Molly. *On Ethnography: Approaches to Language and Literacy Research*. New York: Teachers College Press, 2008.

ZANELLA, Andrea et al. Questões de método em textos de Vygotski: contribuições à pesquisa em Psicologia. *Psicologia e Sociologia*, v. 19, n. 2, Porto Alegre, mai/ago, 2007.